

AUTO DA CONQUISTA

AUTOR: Osvaldo Ferreira de Melo

Número de personagens:

Personagens:

Arauto

Quarteto

Violeiro 1

Violeiro 2

Solista

Coro dramático

Coro dos conquistadores

Número de páginas: 15

Atos: 2

Número de exemplares: 2

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025

Tema: A saída do casais açorianos de Portugal à outras colônias,
recitada e cantada.

*Obs: com carimbo da PF, livras de censura e
impressão de 10 anos.*

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

AUTO DA CONQUISTA

2 ATOS

Oswaldo Ferreira de Melo

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



AUTO DA CONQUISTA

2 ATOS

OSVALDO FERREIRA DE MELO

ÉPOCA: 1 747 até hoje

AÇÃO: Numa Ilha dos AÇORES, depois um ponto do
Litoral Sul do Brasil

PERSONAGENS:

ARAUTO

QUARTETO DRAMÁTICO

CÔRO DOS PESCADORES

A RAPARIGA

VIOLEIRO A

VIOLEIRO B

CÔRO DOS CONQUISTADORES

O ESTRANHO

A TERRA DO ALÉM-MAR

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0742 - CEP 90020-025

NOTA:

- 1) O Édito da 1^a cena é extraído de documento autêntico.
- 2) O Pema que abre o 2º Ato foi escrito para a peça por Aníbal Nunes Pires.

O Autor.



PRIMEIRO ATO

CENA I

O ambiente está na penumbra e tudo é calma. Ao fundo, velas de barcos e rêdes de pesca - Projeção de slide sôbre um ponto ao fundo da cena: AÇORES, 1747 - Começa a ouvir-se música em violas de arame e, à medida que a música vai aumentando, surgem vultos silenciosos, carregando lamparinas. Cruzam-se sem se olhar e ocupam seus lugares, junto às rêdes e velas, que passam a remendar. Dois violeiros também entram. A música sobe. Os gestos são lentos e cansados. A cena, agora, está totalmente iluminada, como se o fôsse pela luz das lamparinas. A um canto, um personagem estranho ao ambiente e que estará presente em tôdas as cenas, sem delas participar por qualquer ação no plano racional. A cena está completa. - Ouve-se um rufar de tambores ao longe. A música cessa. Há reações diversas. Uns se levantam animados e procuram ouvir melhor. Outros se voltam, quase com medo. Os dois violeiros também têm reações diferentes: enquanto um parece exultar, o outro mostra-se vencido e cansado. Os tambores agora estão bem próximos. Cessam de repente. Entra o arauto, toma posição no centro da cena e desenrola o édito.

O ARAUTO

El-Rei, Nosso Senhor, atendendo às representações dos moradores/ das ilhas dos Açores/ que pedem tirar delas o número de casais/ que de seu agrado for/ para além-mar;/ o que resulta para as ilhas grande alívio/ em não verem padecer os seus moradores/ reduzidos a tôda espécie de males/ que a indignância sempre traz consigo/ para o Brasil a esperança e o grande/ benefício de povoar de cultores/ parte dos vastos do

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



mínios./ Decidiu fazer mercê aos casais das ditas ilhas/que
quiserem ir estabelecer no além-mar/mandando-os transportar
à custa da sua Real Fazenda/ não só por mar, mas também por
terra/ até os sítios que se lhes destinarem/ não sendo os
homens de mais de 40 anos e não sendo as mulheres de mais
de 30./ E logo que chegarem aos sítios/ que hão de habitar/
se dará a cada casal uma espingarda/ duas enxadas/ uma en
xó/ um martelo/ um facão./ Duas facas/ duas tesouras/ duas
verrumas/ uma serra/ com uma lima e travadeira/ dois alquei
res de sementes/ duas vacas e um cavalo/ e no primeiro ano
se lhes dará a farinha/ que entender bastar para o seu sus
tento ...

(A LUZ INCIDE SÓBRE O QUARTETO, QUE CORTA AS PALAVRAS DO
ARAUTO)

QUARTETO

Que esperais indecisos/ enquanto fala o emissário do Rei?/
Eis momento de cuvir./ A sereia está falando doce/ pela voz
do arauto.

(A LUZ INCIDE, NOVAMENTE, SÓBRE O ARAUTO. HÁ AQUI UMA
TRANSPOSIÇÃO. ÊLE PERDE A SUA NEUTRALIDADE DE MENSAGEIRO E
ASSUME O PAPEL DE DEMAGOGO E MENTIROSO)

ARAUTO

Libertai-vos da areia mole/ da terra magra/ das pedras mais
duras que a vossa faina.

(A LUZ ABRANGE, AGORA, TODO O POVO E OUVI-SE A SUA VOZ)

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



CORO DOS PESCADORES

A momento de ouvir/ seguirá momento de fugir./ Fugir desse
canseira louca/ de remendar cada noite/ rêde que o mar vai
roer/ no outro dia.

QUARTETO

A sereia está falando doce/ pela voz do arauto./ Quem qui
ser ouvir, ouvirá/ mas terá que guardar o seu canto/ para
sempre.

(O ARAUTO SE RETIRA E O GRUPO SE DESFAZ EM PEQUENOS GRU
POS. HÁ MISTURA DE VÁRIAS REAÇÕES: ALEGRIA, CETICISMO, REVOI
TA. O SOM DA VIOLA COMEÇA A SER OUVIDO, SOBRE OS MURMÚRIOS
A LUZ INCIDE SOBRE OS DOIS VIOLEIROS).

VIOLEIRO A (Canto ou declamação)

Ouçõ o meu povo anunciar/ o momento da partida./ Venha mi
nha gente escutar/ meu canto de despedida./ Que eu vou para
outras terras/ onde nunca pus a vista/ mas eu já pertença à
gente/ que pro Rei vai à conquista/ pois os mares já me cha
mam/ e que Deus a mim assista.

VIOLEIRO B

Vejo o meu povo a falar/ com temor no coração/ Venha minha
gente escutar/ meu canto de afirmação/ e de amor por esta
terra/ onde eu nasci um dia/ e que sempre vai contar/ com a
minha alegria/ pois meus olhos foram feitos para a sua com
panhia.



VIOLEIRO A

Vejo muita gente a temer/ a partida pro além-mar/ como se al
guém fôsse partir/ para nunca mais voltar./ Eu também amo
esta terra/ e a sua natureza/ Também vejo as raparigas/ car
regar tanta beleza/ mas também muita feiura/ vi da mais
triste pobreza.

VIOLEIRO B

Sei que não irão outras terras/ abrigar tanta beleza/ Temo
que não possam outros ares/ mudar a nossa pobreza./ Se não
conquistamos já/ o que perto nos ficou/ como poderemos ter
o que nunca nos amou?/ Pois na posse e na conquista/ muita
coisa há que pôr.

(O DESAFIO TERMINOU. O VIOLEIRO A SE RETIRA. O VIOLEIRO B
FICA INDECISO, MAS SAI TAMBÉM. AS VIOLAS SÃO OUVIDAS POR AL
GUNS SEGUNDOS MAIS. LUZ SOBRE O QUARTETO)

QUARTETO

A sereia está falando doce pela voz do arauto/ e ela enten
de de dor, de agústia, de fome, de dúvida .../ E até de sau
dade/ que ainda vai chegar.

(TODOS SAEM. A CENA ESTÁ DESERTA AGORA. HÁ LUZ DE LUAR SÔ
BRE VELAS E RÊDES. UMA JOVEM CAMINHA LENTAMENTE, COMO QUE
SE DESPEDINDO DE TUDO. ENTRA O VIOLEIRO B. OLHAM-SE LONGA
MENTE. O VIOLEIRO INICIA A SERENATA DE DESPEDIDA)



VIOLEIRO

Me dizes que o amor/ não dói de guardar/ Mas sabes que dói/
Fazê-lo calar./ Por isso eu canto/ prá me despedir/ sabendo
que dói/ deixar-te partir./ Ninguém sabe quanto/ eu devo re
ter/ amor que em meu peito/ vai se esconder./ Ninguém sabe
quanto/ me pesa lembrar/ que amôres outros/ irás abrigar/...
No além-mar.

(ÊLE LARGA O VIOLÃO E CORRE PARA ELA. ABRAÇAM-SE. O SILÊN
CIO DA CENA É QUEBRADO, REPENTINAMENTE, PELO POVO QUE ENTRA
DE TODOS OS LADOS, CARREGANDO SACOS E TROUXAS. HÁ ALGAZARRA
E VOZERIO. OS NAMORADOS SE PERDEM, NO MEIO DO POVO QUE SAI.
AS LUZES SE APAGAM NO CENTRO DA CENA E INCIDEM SÔBRE O QUAR
TETO, A UM CANTO)

QUARTETO

Sereia cantou, ouvidos ouviram./ Feitiço pegou, cortando
raízes/ de homens que como todos os homens/ precisam de paz
e amor/ porém que como todos os homens/ mais que paz e a
mor/ perseguem vitórias/ e que por isso devem ser fortes na
sua fraqueza/ para uma contínua conquista/ de coisas/ que
pelo infinito das perpectivas/ se tornarão, talvez, incon
quistáveis.

(A LUZ SE APAGA SÔBRE O QUARTETO. O POVO ENTRA LENTAMENTE
E POSTA-SE ESTÁTICO. UM SPOT ACENDE, TAMBÉM, SÔBRE O VIOLEI
RO QUE DEDILHA A VIOLA, TRISTE E DEPRIMIDO, MAS APRESENTAN
DO DIGNIDADE)



VIOLEIRO B (falando)

Qual a coragem mais viva/ mais larga, mais terrível?/ A do que aceitou o desafio do mar/ ou a do que atendeu ao grito da terra?/ A conquista estará longe, muito longe/ Ou estará bem perto de nós?/ Quem o saberá?

(ENTRA MÚSICA INCIDENTAL. O POVO COMEÇA A MOVER-SE LENTAMENTE, EMALHADO NA REDE DE PESCA. A LUZ ACENDE SOBRE O QUARTETO)

QUARTETO

Os enfeitados vão ao mar/ Bons ventos os levem, valentes e frágeis criaturas./ Cuidai bem que as saudades não perturbem/ a caminhada de vossa conquista./ Ide, loucos e heróicos caracóis./ Sois agora um símbolo/ porque antes uma decisão./ Ide caracóis/ e fazei de vossa loucura/ de vossa coragem/ de vossa esperança/ de vossas vitórias/ e de vossos sofrimentos/ fatos para a conquista/ que esperais empreender./ Mas sabeis todos/ que na posse ou na conquista/ haverá um ato de mútua decisão/ de mútua entrega./ E que entre conquistador e conquistado/ reinará tal perturbação/ que não se distinguirá do outro/ assim como a morte se confunde com a vida.

(A CENA ESTÁ NOVAMENTE DESERTA. O VIOLEIRO SENTA-SE E FIXA A SUA VIOLA. AS LUZES COMEÇAM A DIMINUIR. O ESTRANHO MOVE-SE E FAZ MENÇÃO DE DIZER ALGO. DESISTE E VOLTA AO SEU LUGAR. OUVI-SE UM TEMA EM VIOLÃO E AS LUZES DIMINUEM MAIS, ATÉ A COMPLETA ESCURIDÃO.

FIM DO I ATO



SEGUNDO ATO

(O CENÁRIO É DIFERENTE, SEM AS VELAS E AS REDES. HÁ PENUMBRA. TUDO LEMBRA A IMENSIDÃO DO OCEANO. OUVEM-SE UMA CANÇÃO () QUE CESSA QUANDO O CÔRO COMEÇA A FALAR)

CÔRO DRAMÁTICO

Entre nós e os Açores - o mar./ Agora somente o mar/ o -
grande mar/ mar, mar, mar/

SOLISTA

Maldito quem/ o primeiro madeiro/ ao mar jogou!

CÔRO DRAMÁTICO

Luas passaram./ Léguas prateadas/ de nossas gentes/ sô-
bre os destinos/ dos que partiram/ na viagem sem retorno.

SOLISTA

Maldito quem primeiro/ o cabo ultrapassou!

CÔRO DRAMÁTICO

As estrêlas apontaram/ caminhos nas águas/ e a solidão/
inventou saudade no coração.

SOLISTA

Maldito quem primeiro/ o Cabo das Tormentas dobrou!



CORO DRAMÁTICO

As nuvens/ esconderam as estrelas;/ depois as tempestades/
a escuridão/ confundiram as almas.

SOLISTA

Malditos os que chegaram/ às índias e às américas!

CORO DRAMÁTICO

Os homens nós e a paisagem verde/ despertaram a ambição/
Os ventos castigaram as naus/ e a morte riu/ nas escotas
dos barcos ligeiros./ A sede, a angústia, o calor./ O frio,
a morte, a dor./ Filhos morrendo./ Homens atirados ao mar./
Que outros desígnios os esperam/ nessas ilhas sem endereço?

Pelos caminhos do mundo/ nenhum destino se perde/ Há os
grandes sonhos dos homens/ e a surda força dos vermes.

Inquietas estão as sementes./ Apenas parecem adormecidas./
Vossa terra será nova./ Ide conquistá-la/ não para dá-la a
um/ mas para dá-la a todos./ Para todo o vosso povo./ "SA-
BEREMOS ACARICIAR AS NOVAS FLORES/ PORQUE A TERRA NOS ENSINA)
RÁ A TERNURA.")

(A MÚSICA SOBE. A LUZ SOBRE O POVO TORNA-SE MAIS FORTE. O
GRUPO DESFAZ A POSIÇÃO INICIAL E SE MOVIMENTA)

CORO DOS CONQUISTADORES

Benditos sejam os ventos do mar./ Ó bendita seja a fé dos
nossos corações./ Benditos sejam os anjos dos céus./ Que a
Terra-Nova encontramos./ Como é bela, meus Deus!/ Feliz da



quele que a conquistar/ e por ela fôr conquistado.

(ENTRA O TEMA MUSICAL DA TERRA, QUE APARECE DANÇANDO. ELA É UM MISTO DE SENSUALIDADE, BELEZA, FEMINILIDADE E DIGNIDADE. QUASE AO FINAL DO BALE, ALGUNS HOMENS SE APROXIMAM E CERCAM-NA. UM DELES, O VIOLEIRO A, SE ADIANTA E ABRAÇA-A. É O SINAL DO CONQUISTADOR. A MÚSICA SOBE E AS LUZES SE APAGAM)

TRANSIÇÃO

(ANOITECEU. À LUZ DO LUAR, A TERRA DE ALÉM-MAR E O CONQUISTADOR DORMEM ABRAÇADOS. O POVO OLHA-OS COM TERNURA. DEPOIS TOMA POSIÇÃO. HÁ UM AR DE VITÓRIA, DE CONQUISTA, EM TÓDAS AS FACES)

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Um dia fomos decisão e por isso partimos.

CÓRO DRAMÁTICO

Uma opção, opção apenas.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

E terras estéreis deixamos às pedras.

CÓRO DRAMÁTICO

Que sustentaram novas casas.



CÓRO DOS CONQUISTADORES

E aos mortos, o cuidado de enterrar os mortos.

CÓRO DRAMÁTICO

Que ajudaram a adubar a terra abandonada.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Enfrentamos o mar, imenso e bom.

CÓRO DRAMÁTICO

Que sepultou os que não puderam chegar.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

E temos dito: somos os conquistadores!

CÓRO DRAMÁTICO

Que pouco conquistastes, porque ainda não fostes conquista
dos.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

A Terra encontramos!

CÓRO DRAMÁTICO

E ainda não aprendestes a amá-la.



CÔRO DOS CONQUISTADORES

Éramos, nas Ilhas, cansados de fome e tédio.

CÔRO DRAMÁTICO

E por muito tempo, por tais mazelas, tendes sido acompanhados.

CÔRO DOS CONQUISTADORES

Andávamos em andrajos.

CÔRO DRAMÁTICO

Que panes grossos podem encobrir miséria envergonhada?

CÔRO DOS CONQUISTADORES

Tão pobres em nossa terra! ...

CÔRO DRAMÁTICO

Declarados então, disfarçados depois.

CÔRO DOS CONQUISTADORES

O mar nôvo nos daria alimento.

CÔRO DRAMÁTICO

E o velho cansaço e a velha prisão.



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

CORO DOS CONQUISTADORES

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Ouvimos a fala do Rei e porriasso partimos.

CORO DRAMÁTICO

A sereia falou doce pela voz do arauto. Onde as tenças, as enxadas, as rêsas nos primeiros momentos?

CORO DOS CONQUISTADORES

Teríamos filhos ilustres.

CORO DRAMÁTICO

E tantos sem letras, sem luz, sem destino.

CORO DOS CONQUISTADORES

Vencemos! Vencemos!

CORO DRAMÁTICO

A conquista exige doação continuada.

CORO DOS CONQUISTADORES

Ouví! As vozes das universidades ecoam!

CORO DRAMÁTICO

Misturando-se às vozes obscuras dos analfabetos ainda.



CÓRO DOS CONQUISTADORES

Que belas filhas viriam de nossas sementes!

CÓRO DRAMÁTICO

Entre tantas que são velhas aos trinta anos.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Braços fortes levam barcos à vitória, nas raias olímpicas.

CÓRO DRAMÁTICO

Enquanto outros, desnutridos, não podem sustentar os remos da pesca.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Ouví a polifonia dos que trabalham.

CÓRO DRAMÁTICO

É o clamor atonal dos sem emprêgo.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Conquista!

CÓRO DRAMÁTICO

Quando?



CÓRO DOS CONQUISTADORES

Conquista!

CÓRO DRAMÁTICO

Quando?

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Conquista!

CÓRO DRAMÁTICO

QUANDO?

(O CÓRO DOS CONQUISTADORES DESFAZ A POSIÇÃO E APROXIMA-SE,
NOVAMENTE, DO CASAL QUE DORME)

CÓRO DOS CONQUISTADORES

A Terra foi conquistada./ Benditos os frutos do seu ventre!

(AS LUZES SE APAGAM SOBRE O CÓRO. SÔMENTE O LUAR ILUMINA O
CASAL. OUVES-SE, NA ESCURIDÃO, O CÓRO DRAMÁTICO)

CÓRO DRAMÁTICO

Cuidai/pois tãda conquista serã um ato de mıtua decisãõ/ de
mıtua entrega./ De doaçoõ recıproca/ de exigẽncias graves e
continuadas/ para que sejam boas/ pela validade de cada mç



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

momento perfeito./ VÓS O SABEIS!

(O ESTRANHO MOVIMENTA-SE. COM PASSOS LENTOS E GRANDE DIGNI
DADE, APROXIMA-SE E OLHA DEMORADAMENTE O PÚBLICO. DEPOIS FA
LA)

O ESTRANHO

Vós, que sois os frutos e as sementes, deveríeis saber.

Entre o Tema de Violão

(O ESTRANHO VOLTA-SE E CAMINHA EM DIREÇÃO DO CASAL. PARA E
OLHA-OS, CHEIO DE PIEDOSA IRONIA. FAZ MENÇÃO DE RETIRAR-SE.
VOLTA-SE, TIRA UMA FLOR DA LAPELA E PRENDE-A NOS CABELOS DA
TERRA DE ALÉM-MAR. SAI. Mais forte o Tema de Violão E AS
LUZES COMEÇAM A BAIIXAR LENTAMENTE, ATÉ A COMPLETA ESCURIDÃO)

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000



AUTO DA CONQUISTA

AUTOR: Osvaldo Ferreira de Melo

Número de personagens: *5 homens e figurantes*

Personagens:

Arauto

Quarteto

Violeiro 1

Violeiro 2

Solista

Coro dramático

Coro dos conquistadores

Número de páginas: 15

Atos: 2

Número de exemplares: 2

Tema: A saída dos casais açorianos de Portugal à outras colônias, recitada e cantada.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

*Obs: Com carimbo da PF, divisa de ensino e
impróprio até 10 anos.*

GAUETA 1

de
Pavão

AUTO DA CONQUISTA

2 ATOS

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Oswaldo Ferreira de Melo

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



AUTO DA CONQUISTA

2 ATOS

OSVALDO FERREIRA DE MELO

ÉPOCA: 1747 até hoje

AÇÃO: Numa Ilha dos AÇORES, depois um ponto do
Litoral Sul do Brasil

PERSONAGENS:

ARAUTO

QUARTETO DRAMÁTICO

CÓRO DOS PESCADORES

A RAPARIGA

VIOLEIRO A

VIOLEIRO B

CÓRO DOS CONQUISTADORES

O ESTRANHO

A TERRA DO ALÉM-MAR

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

NOTA:

- 1) O Édito da 1^a cena é extraído de documento autêntico.
- 2) O Pema que abre o 2º Ato foi escrito para a peça por Aníbal Nunes Pires.

O Autor.

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



PRIMEIRO ATO

CENA I

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O ambiente está na penumbra e tudo é calma. Ao fundo, velas de barcos e rêdes de pesca - Projeção de slide sôbre um ponto ao fundo da cena: AÇORES, 1747 - Começa a ouvir-se música em violas de arame e, à medida que a música vai aumentando, surgem vultos silenciosos, carregando lamparinas. Cruzam-se sem se olhar e ocupam seus lugares, junto às rêdes e velas, que passam a remendar. Dois violeiros também entram. A música sobe. Os gestos são lentos e cansados. A cena, agora, está totalmente iluminada, como se o fôsse pela luz das lamparinas. A um canto, um personagem estranho ao ambiente e que estará presente em tôdas as cenas, sem delas participar por qualquer ação no plano racional. A cena está completa. - Ouve-se um rufar de tambores ao longe. A música cessa. Há reações diversas. Uns se levantam animados e procuram ouvir melhor. Outros se voltam, quase com medo. Os dois violeiros também têm reações diferentes: enquanto um parece exultar, o outro mostra-se vencido e cansado. Os tambores agora estão bem próximos. Cessam de repente. Entra o arauto, toma posição no centro da cena e desenrola o éditô.

O ARAUTO

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS

El-Rei, Nosso Senhor, atendendo às representações dos moradores/ das ilhas dos Açores/ que pedem tirar delas o número de casais/ que de seu agrado for/ para além-mar;/ o que resulta para as ilhas grande alívio/ em não verem padecer os seus moradores/ reduzidos a tôda espécie de males/ que a indignância sempre traz consigo/ para o Brasil a esperança e o grande/ benefício de povoar de cultores/ parte dos vastos do



mínios./ Decidiu fazer mercê aos casais das ditas ilhas/que quizerem ir estabelecer no além-mar/mandando-os transportar à custa da sua Real Fazenda/ não só por mar, mas também por terra/ até os sítios que se lhes destinarem/ não sendo os homens de mais de 40 anos e não sendo as mulheres de mais de 30./ E logo que chegarem aos sítios/ que hão de habitar/ se dará a cada casal uma espingarda/ duas enxadas/ uma enxada/ um martelo/ um facão./ Duas facas/ duas tesouras/ duas verrumas/ uma serra/ com uma lima e travadeira/ dois alqueires de sementes/ duas vacas e um cavalo/ e no primeiro ano se lhes dará a farinha/ que entender bastar para o seu sustento ...

(A LUZ INCIDE SOBRE O QUARTETO, QUE CORTA AS PALAVRAS DO ARAUTO)

QUARTETO

Que esperais indecisos/ enquanto fala o emissário do Rei?/ Eis momento de cuvir./ A sereia está falando doce/ pela voz do arauto.

(A LUZ INCIDE, NOVAMENTE, SOBRE O ARAUTO. HÁ AQUI UMA TRANSPOSIÇÃO. ELE PERDE A SUA NEUTRALIDADE DE MENSAGEIRO E ASSUME O PAPEL DE DEMAGOGO E MENTIROSO)

ARAUTO

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS

Libertai-vos da areia mole/ da terra magra/ das pedras mais duras que a vossa faina.

(A LUZ ABRANGE, AGORA, TODO O POVO E OUVRE-SE A SUA VOZ)



CÓRO DOS PESCADORES

A momento de ouvir/ seguirá momento de fugir./ Fugir dessa
canseira louca/ de remendar cada noite/ rêde que o mar vai
roer/ no outro dia.

QUARTETO

A sereia está falando doce/ pela voz do arauto./ Quem qui
ser ouvir, ouvirá/ mas terá que guardar o seu canto/ para
sempre.

(O ARAUTO SE RETIRA E O GRUPO SE DESFAZ EM PEQUENOS GRU
POS. HÁ MISTURA DE VÁRIAS REAÇÕES: ALEGRIA, CÉTICISMO, REVOI
TA. O SOM DA VIOLA COMEÇA A SER OUVIDO, SÓBRE OS MURMÚRIOS
A LUZ INCIDE SÓBRE OS DOIS VIOLEIROS).

VIOLEIRO A (Canto ou declamação)

Ouçó o meu povo anunciar/ o momento da partida./ Venha mi
nha gente escutar/ meu canto de despedida./ Que eu vou para
outras terras/ onde nunca pus a vista/ mas eu já pertença à
gente/ que pro Rei vai à conquista/ pois os mares já me cha
mam/ e que Deus a mim assista.

VIOLEIRO B

Vejo o meu povo a falar/ com temor no coração/ Venha minha
gente escutar/ meu canto de afirmação/ e de amor por esta
terra/ onde eu nasci um dia/ e que sempre vai contar/ com a
minha alegria/ pois meus olhos foram feitos para a sua com
panhia.



VIOLEIRO A

Vejo muita gente a temer/ a partida pro além-mar/ como se al
guém fôsse partir/ para nunca mais voltar./ Eu também amo
esta terra/ e a sua natureza/ Também vejo as raparigas/ car
regar tanta beleza/ mas também muita feiura/ vi da mais
triste pobreza.

VIOLEIRO B

Sei que não irão outras terras/ abrigar tanta beleza/ Temo
que não possam outros ares/ mudar a nossa pobreza./ Se não
conquistamos já/ o que perto nos ficou/ como poderemos ter
o que nunca nos amou?/ Pois na posse e na conquista/ muita
coisa há que pôr.

(O DESAFIO TERMINOU. O VIOLEIRO A SE RETIRA. O VIOLEIRO B
FICA INDECISO, MAS SAI TAMBÉM. AS VIOLAS SÃO OUVIDAS POR AL
GUNS SEGUNDOS MAIS. LUZ SOBRE O QUARTETO)

QUARTETO

A sereia está falando doce pela voz do arauto/ e ela enten
de de dor, de agústia, de fome, de dúvida .../ E até de sau
dade/ que ainda vai chegar.

(TODOS SAEM. A CENA ESTÁ DESERTA AGORA. HÁ LUZ DE LUAR SÔ
BRE VELAS E RÉDES. UMA JOVEM CAMINHA LENTAMENTE, COMO QUE
SE DESPEDINDO DE TUDO. ENTRA O VIOLEIRO B. OLHAM-SE LONGA
MENTE. O VIOLEIRO INICIA A SERENATA DE DESPEDIDA)



VIOLEIRO

Me dizes que o amor/ não dói de guardar/ Mas sabes que dói/
Fazê-lo calar./ Por isso eu canto/ prá me despedir/ sabendo
que dói/ deixar-te partir./ Ninguém sabe quanto/ eu devo re-
ter/ amor que em meu peito/ vai se esconder./ Ninguém sabe
quanto/ me pesa lembrar/ que amôres outros/ irás abrigar/...
No além-mar.

(ÊLE LARGA O VIOLÃO E CORRE PARA ELA. ABRAÇAM-SE. O SILÊN-
CIO DA CENA É QUEBRADO, REPENTINAMENTE, PELO POVO QUE ENTRA
DE TODOS OS LADOS, CARREGANDO SACOS E TROUXAS. HÁ ALGAZARRA
E VOZARIO. OS NAMORADOS SE PERDEM, NO MEIO DO POVO QUE SAI.
AS LUZES SE APAGAM NO CENTRO DA CENA E INCIDEM SÔBRE O QUAR-
TETO, A UM CANTO)

QUARTETO

Sereia cantou, ouvidos ouviram./ Feitiço pegou, cortando
raízes/ de homens que como todos os homens/ precisam de paz
e amor/ porém que como todos os homens/ mais que paz e a-
mor/ perseguem vitórias/ e que por isso devem ser fortes na
sua fraqueza/ para uma contínua conquista/ de coisas/ que
pelo infinito das perpectivas/ se tornarão, talvez, incon-
quistáveis.

(A LUZ SE APAGA SÔBRE O QUARTETO. O POVO ENTRA LENTAMENTE
E POSTA-SE ESTÁTICO. UM SPOT ACENDE, TAMBÉM, SÔBRE O VIOLEI-
RO QUE DEDILHA A VIOLA, TRISTE E DEPRIMIDO, MAS APRESENTAN-
DO DIGNIDADE)



VIOLEIRO B (falando)

Qual a coragem mais viva/ mais larga, mais terrível?/ A do que aceitou o desafio do mar/ ou a do que atendeu ao grito da terra?/ A conquista estará longe, muito longe/ Ou estará bem perto de nós?/ Quem o saberá?

(ENTRA MÚSICA INCIDENTAL. O POVO COMEÇA A MOVER-SE LENTAMENTE, EMALHADO NA REDE DE PESCA. A LUZ ACENDE SOBRE O QUARTETO)

QUARTETO

Os enfeitados vão ao mar/ Bons ventos os levem, valentes e frágeis criaturas./ Cuidai bem que as saudades não perturbem/ a caminhada de vossa conquista./ Ide, loucos e heróicos caracóis./ Sois agora um símbolo/ porque antes uma decisão./ Ide caracóis/ e fazei de vossa loucura/ de vossa coragem/ de vossa esperança/ de vossas vitórias/ e de vossos sofrimentos/ fatos para a conquista/ que esperais empreender./ Mas sabei todos/ que na posse ou na conquista/ haverá um ato de mútua decisão/ de mútua entrega./ E que entre conquistador e conquistado/ reinará tal perturbação/ que não se distinguirá do outro/ assim como a morte se confunde com a vida.

(A CENA ESTÁ NOVAMENTE DESERTA. O VIOLEIRO SENTA-SE E FIXA A SUA VIOLA. AS LUZES COMEÇAM A DIMINUIR. O ESTRANHO MOVE-SE E FAZ MENÇÃO DE DIZER ALGO. DESISTE E VOLTA AO SEU LUGAR. OUVI-SE UM TEMA EM VIOLÃO E AS LUZES DIMINUEM MAIS, ATÉ A COMPLETA ESCURIDÃO.

FIM DO I ATO



S E G U N D O A T O

(O CENÁRIO É DIFERENTE, SEM AS VELAS E AS REDES. HÁ PENUM
BRA. TUDO LEMBRA A IMENSIDÃO DO OCEANO. OUVES-SE UMA CANÇÃO
() QUE CESSA QUANDO O CÔRO COMEÇA A FALAR)

CÔRO DRAMÁTICO

Entre nós e os Açores - o mar./ Agora somente o mar/ o -
grande mar/ mar, mar, mar/

SOLISTA

Maldito quem/ o primeiro madeiro/ ao mar jogou!

CÔRO DRAMÁTICO

Iuas passaram./ Léguas prateadas/ de nossas gentes/ sô
bre os destinos/ dos que partiram/ na viagem sem retorno.

SOLISTA

Maldito quem primeiro/ o cabo ultrapassou!

CÔRO DRAMÁTICO

As estrêlas apontaram/ caminhos nas águas/ e a solidão/
inventou saudade no coração.

SOLISTA

Maldito quem primeiro/ o Cabo das Tormentas dobrou!



CÓRO DRAMÁTICO

As nuvens/ esconderam as estrelas;/ depois as tempestades/
a escuridão/ confundiram as almas.

SOLISTA

Malditos os que chegaram/ às índias e às américas!

CÓRO DRAMÁTICO

Os homens nus e a paisagem verde/ despertaram a ambição/
Os ventos castigaram as naus/ e a morte riu/ nas escotas
dos barcos ligeiros./ A sede, a angústia, o calor./ O frio,
a morte, a dor./ Filhos morrendo./ Homens atirados ao mar./
Que outros desígnios os esperam/ nessas ilhas sem endereço?
Pelos caminhos do mundo/ nenhum destino se perde/ Há os
grandes sonhos dos homens/ e a surda força dos vermes.

Inquietas estão as sementes./ Apenas parecem adormecidas./
Vossa terra será nova./ Ide conquistá-la/ não para dá-la a
um/ mas para dá-la a todos./ Para todo o vosso povo./ "SA-
BEREMOS ACARICIAR AS NOVAS FLÔES/ PORQUE A TERRA NOS ENSINA)
RÁ A TERNURA.")

(A MÚSICA SOBE. A LUZ SOBRE O POVO TORNA-SE MAIS FORTE. O
GRUPO DESFAZ A POSIÇÃO INICIAL E SE MOVIMENTA)

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Benditos sejam os ventos do mar./ Ó bendita seja a fé dos
nossos corações./ Benditos sejam os anjos dos céus./ Que a
Terra-Nova encontramos./ Como é bela, meus Deus!/ Feliz da



quele que a conquistar/ e por ela fôr conquistado.

(ENTRA O TEMA MUSICAL DA TERRA, QUE APARECE DANÇANDO. ELA É UM MISTO DE SENSUALIDADE, BELEZA, FEMINILIDADE E DIGNIDADE. QUASE AO FINAL DO BALÉ, AIGUNS HOMENS SE APROXIMAM E CERCAM-NA. UM DELES, O VIOLEIRO A, SE ADIANTA E ABRAÇA-A. É O SINAL DO CONQUISTADOR. A MÚSICA SOBE E AS LUZES SE APAGAM)

TRANSIÇÃO

(ANOITECEU. À LUZ DO LUAR, A TERRA DE ALÉM-MAR E O CONQUISTADOR DORMEM ABRAÇADOS. O POVO OLHA-OS COM TERNURA. DEPOIS TOMA POSIÇÃO. HÁ UM AR DE VITÓRIA, DE CONQUISTA, EM TODAS AS FACES)

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Um dia fomos decisão e por isso partimos.

CÓRO DRAMÁTICO

Uma opção, opção apenas.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

E terras estéreis deixamos às pedras.

CÓRO DRAMÁTICO

Que sustentaram novas casas.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CÓRO DOS CONQUISTADORES

E aos mortos, o cuidado de enterrar os mortos.

CÓRO DRAMÁTICO

Que ajudaram a adubar a terra abandonada.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Enfrentamos o mar, imenso e bom.

CÓRO DRAMÁTICO

Que sepultou os que não puderam chegar.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

E temos dito: somos os conquistadores!

CÓRO DRAMÁTICO

Que pouco conquistastes, porque ainda não fostes conquistada
dos.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

A Terra encontramos!

CÓRO DRAMÁTICO

E ainda não aprendestes a amá-la.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CÓRO DOS CONQUISTADORES

Éramos, nas Ilhas, cansados de fome e tédio.

CÓRO DRAMÁTICO

E por muito tempo, por tais mazelas, tendes sido acompanha
dos.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Andávamos em andrajos.

CÓRO DRAMÁTICO

Que panos grossos podem encobrir miséria envergonhada?

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Tão pobres em nossa terra! ...

CÓRO DRAMÁTICO

Declarados então, disfarçados depois.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

O mar nôvo nos daria alimento.

CÓRO DRAMÁTICO

E o velho cansaço e a velha prisão.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CÓRO DOS CONQUISTADORES

Ouvimos a fala do Rei e porriesso partimos.

CÓRO DRAMÁTICO

A sereia falou d'óce pela voz do arauto. Onde as tenças, as enxadas, as réses nos primeiros momentos?

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Teríamos filhos ilustres.

CÓRO DRAMÁTICO

E tantos sem letras, sem luz, sem destino.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Vencemos! Vencemos!

CÓRO DRAMÁTICO

A conquista exige doação continuada.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Ouví! As vozes das universidades ecoam!

CÓRO DRAMÁTICO

Misturando-se às vozes obscuras dos analfabetos ainda.



CÓRO DOS CONQUISTADORES

Que belas filhas viriam de nossas sementes!

CÓRO DRAMÁTICO

Entre tantas que são velhas aos trinta anos.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Braços fortes levam barcos à vitória, nas raias olímpicas.

CÓRO DRAMÁTICO

Enquanto outros, desnutridos, não podem sustentar os remos da pesca.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Ouví a polifonia dos que trabalham.

CÓRO DRAMÁTICO

É o clamor atonal dos sem emprêgo.

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Conquista!

CÓRO DRAMÁTICO

Quando?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90024-025



CÓRO DOS CONQUISTADORES

Conquista!

CÓRO DRAMÁTICO

Quando?

CÓRO DOS CONQUISTADORES

Conquista!

CÓRO DRAMÁTICO

QUANDO?

(O CÔRO DOS CONQUISTADORES DESFAZ A POSIÇÃO E APROXIMA-SE,
NOVAMENTE, DO CASAL QUE DORME)

CÓRO DOS CONQUISTADORES

A Terra foi conquistada./ Benditos os frutos do seu ventre!

(AS LUZES SE APAGAM SÔBRE O CÔRO. SÔMENTE O LUAR ILUMINA O
CASAL. OUVI-SE, NA ESCURIDÃO, O CÔRO DRAMÁTICO)

CÓRO DRAMÁTICO

Cuidai/pois tãda conquista serã um ato de mıtua decisãõ/ de
mıtua entrega./ De doaçaõ recıproca/ de exigências graves e
continuadas/ para que sejam boas/ pela validade de cada mıt



momento perfeito./ VÓS O SABEIS!

(O ESTRANHO MOVIMENTA-SE. COM PASSOS LENTOS E GRANDE DIGNIDADE, APROXIMA-SE E OLHA DEMORADAMENTE O PÚBLICO. DEPOIS FALA)

O ESTRANHO

Vós, que sois os frutos e as sementes, deveríeis saber.

Entre o Tema de Violão

(O ESTRANHO VOLTA-SE E CAMINHA EM DIREÇÃO DO CASAL. PARA E OLHA-OS, CHEIO DE PIEDOSA IRONIA. FAZ MENÇÃO DE RETIRAR-SE. VOLTA-SE, TIRA UMA FLOR DA LAPELA E PRENDE-A NOS CABELOS DA TERRA DE ALÉM-MAR. SAI. Mais forte o Tema de Violão E AS LUZES COMEÇAM A BAIXAR LENTAMENTE, ATÉ A COMPLETA ESCURIDÃO)

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. ...

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. ...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

